

2013 n° 12

USO

d+i LLORENTE & CUENCA



**MADRID
2020**
Chegou a hora

d+i LLORENTE & CUENCA

d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos perante um novo contexto económico e social. E a comunicação não fica atrás: avança.

d+i é a combinação e a troca de conhecimento que identifica, analisa e dá conta dos novos paradigmas da comunicação com um posicionamento independente.

d+i é uma corrente permanente de ideias que vão ao encontro de uma nova era de informação e gestão empresarial.

Porque a realidade não é em preto e branco, existe d+i LLORENTE & CUENCA.

d+i es el Centro de Ideas, Análisis y Tendencias de LLORENTE & CUENCA.

Porque asistimos a un nuevo guión macroeconómico y social. Y la comunicación no queda atrás. Avanza.

d+i es una combinación global de relación e intercambio de conocimiento que identifica, enfoca y transmite los nuevos paradigmas de la comunicación desde un posicionamiento independiente.

d+i es una corriente constante de ideas que adelanta nuevos tiempos de información y gestión empresarial.

Porque la realidad no es blanca o negra existe d+i LLORENTE & CUENCA.

UNO

UNO é uma publicação da d+i LLORENTE & CUENCA dirigida aos clientes, profissionais do setor, jornalistas e líderes de opinião, na qual os autores convidados da Espanha, Portugal e América Latina, juntamente com os Sócios e Diretores da LLORENTE & CUENCA, analisam temas relacionados com o mundo da comunicação.

UNO es una publicación de d+i LLORENTE & CUENCA dirigida a clientes, profesionales del sector, periodistas y líderes de opinión, en la que firmas invitadas de España, Portugal y América Latina, junto con Socios y Directivos de LLORENTE & CUENCA, analizan temas relacionados con el mundo de la comunicación.



DIREÇÃO E COORDENAÇÃO:

Centro Corporativo de LLORENTE & CUENCA

CONCEITO GRÁFICO E DESIGN:

AR Difusión

ILUSTRAÇÕES:

Marisa Maestre

IMPRESSÃO:

naturprint.com

Impressa na Espanha
Madrid, junho de 2013

d+i LLORENTE & CUENCA não assume necessariamente compromisso com as opiniões expressas nos artigos dos colaboradores habituais e convidados da UNO.

WWW.DMASILLORENTEYCUENCA.COM



Disponível para iPad
App Store



Todos os direitos reservados.
Fica proibida a reprodução total ou parcial
dos textos e das imagens contidas neste
livro sem a prévia autorização da
d+i LLORENTE & CUENCA.

SUMÁRIO

2013 Nº 12

4

QUEM **SÃO**
OS **colaboradores**

6

MADRID 2020
Chegou a hora

9

MADRID,
“Citius, Altius, Fortius”

13

ESTAMOS
preparados

15

○ **IRRESISTÍVEL**
EFEITO DOS **anéis**
olímpicos

19

MADRID,
UMA **cidade** QUE ME
apaixona

23

DE **MADRID**
AO **céu olímpico**

25

A **ARQUITETURA**
DE **2020**

29

OS **JOGOS** OU A
austeridade DE UM **gigante**

31

MADRID 2020
Às suas marcas,
prontos... já!

37

PRÊMIOS
alcançados POR **UNO**

38

LLORENTE & CUENCA



José Antonio Zarzalejos

Formado em Direito pela Universidade de Deusto e jornalista. Foi diretor do El Correo de Bilbao, Secretário-Geral do Grupo Vocento e Diretor do jornal ABC na Espanha. Está ligado a LLORENTE & CUENCA como consultor externo permanente, após ter sido Diretor-Geral da empresa na Espanha. Reconhecido com vários prêmios profissionais, como o Prêmio Mariano de Cavia, o da Federação das Associações de Imprensa de Espanha, Javier Godó de Jornalismo e o Luca de Tena.



Alejandro Blanco

Presidente da Sociedade Madrid 2020 e do Comitê Olímpico Espanhol. Membro do Comitê Executivo dos Comitês Olímpicos Europeus. Presidiu a Federação Espanhola de Judô entre 1993 e 2005. Foi o primeiro presidente da Confederação das Federações Desportivas Espanholas. Graduado em Educação Física. Sétimo Dan de Judô. Medalha de Ouro das Reais Ordens do Mérito Desportivo.



Santiago Segurola

Adjunto da direção do jornal Marca. Desenvolveu sua trajetória profissional nos jornais *La Gaceta del Norte* e *Deia*, em Bilbao. Trabalhou durante 21 anos (1986-2007) no jornal *El País*, cuja seção de esportes foi editor entre 1999 e 2006. No mesmo veículo, ainda foi Editor-chefe da editoria de Cultura (2006-2007). Colaborador semanal no jornal *La Gazzetta dello Sport* e na emissora de rádio *Onda Cero*. Acaba de publicar o livro *Héroes de nuestro tiempo*, que inclui uma coleção de seus melhores artigos, crônicas e reportagens.



Damián Blaum

Nadador olímpico argentino, 32, em mar aberto. Competiu pela primeira vez aos 17 anos, no Campeonato Argentino *Aguas Abiertas*, alcançando o terceiro lugar, e, desde então, conseguiu se classificar para os Jogos Olímpicos Pequim 2008, e tem estado nos pódios da maioria dos campeonatos internacionais. Em 2012, tornou-se o número um do Ranking Mundial da FINA, além de vice-campeão pela quarta vez. Entre 2003 e 2010, trabalhou sob a direção técnica de Nestor Pilu e desde 2011 é treinado por Fred Vergnoux. Atualmente, treina em *Sierra Nevada* preparando-se para a classificação dos Jogos Olímpicos de 2016.

QUEM **SÃO** OS **colaboradores**

Marcial Muñoz



Jornalista e empresário espanhol que reside na Colômbia há cinco anos. Atualmente, é diretor do jornal Marca Colômbia –primeira franquia do diário espanhol fora da Espanha– e gerente da empresa de consultoria *Milagro Andino*, consultoria que assessora a empresas espanholas interessadas em investir no país. Construiu sua carreira em diferentes meios de comunicação –entre eles o *Publímetero*, onde foi diretor-fundador– e empresas espanholas e latino-americanas. É graduado em Ciências da Informação pela *Universidad Complutense de Madrid*, com MBA Executivo pela Universidade de Madrid e Mestrado em Gestão Empresarial pelo Fundo Social Europeu.

Carlos Lamela



Arquiteto formado pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid (ETSAM), na turma de 1981. Presidente Executivo do *Estudio Lamela*, fundada por seu pai Antonio. Entre as últimas obras mais importantes de seu Estúdio, destacam-se a ampliação e remodelação do Estádio Santiago Bernabéu, a cidade Real Madrid, o terminal 4 do Aeroporto de Madrid-Barajas, Expansão do Aeroporto Gran Canaria, do *Contact Center* do Banco Santander no México, o Parque Empresarial Expo Zaragoza, o Aeroporto de Varsóvia, o novo Estádio da Cracóvia, as novas sedes da *John Deere*, *Caja Badajoz* e do Banco Sohar, em Omã, e o próximo projeto *Canalejas Madrid Centro*, com o novo Hotel *Four Seasons*.

Gerardo Riquelme



Editor-chefe do diário esportivo Marca. Formado em jornalismo pela *Universidad Complutense de Madrid* (1992). Desenvolveu toda a sua carreira no principal jornal espanhol de esportes, para o qual cobriu as Olimpíadas de Atlanta, em 1996; de Sydney, em 2000; Atenas, em 2004; Pequim, em 2008; e Londres, em 2012; além das sessões do COI, onde foram anunciadas as cidades vencedoras de 2012 e 2016, em Singapura e Copenhague, respectivamente.

Amalio Moratalla



Sócio e Diretor Sênior de Desportos e Reputação Corporativa da LLORENTE & CUENCA, na Espanha. Há mais de 25 anos no jornal Marca, foi diretor adjunto do diário, diretor-geral de desportos (Marca, Marca.com e Rádio Marca), diretor-geral do grupo *Recoletos* e conselheiro adjunto da *Unidad Editorial*, entre outros. Atualmente é colunista do Marca e do Marca.com, comentarista da Rádio Marca, blogueiro do *Lainformacion.com*, colaborador do *Fuera de Serie* (Expansão) e comentarista esportivo de diferentes canais de televisão.

MADRID
2020
Chegou a hora





José Antonio Llorente

Sócio Fundador e Presidente da LLORENTE & CUENCA

Com esta UNO 12, a LLORENTE & CUENCA quer destacar o seu apoio à candidatura de Madrid para ser a cidade sede dos Jogos Olímpicos de Verão do ano 2020. Ainda que nossa capital espanhola tenha como concorrentes cidades como Istambul ou Tóquio, acreditamos fortemente nas possibilidades de Madrid para se tornar a próxima cidade-sede dos Jogos de 2020 e tornar-se, temporariamente, no centro do mundo durante o verão desse ano.

A decisão final do Comitê Olímpico Internacional (COI) será anunciada no dia 7 de setembro, quando esperamos que Madrid seja o nome escrito no cartão lido pelo presidente do COI, Jacques Rogge.

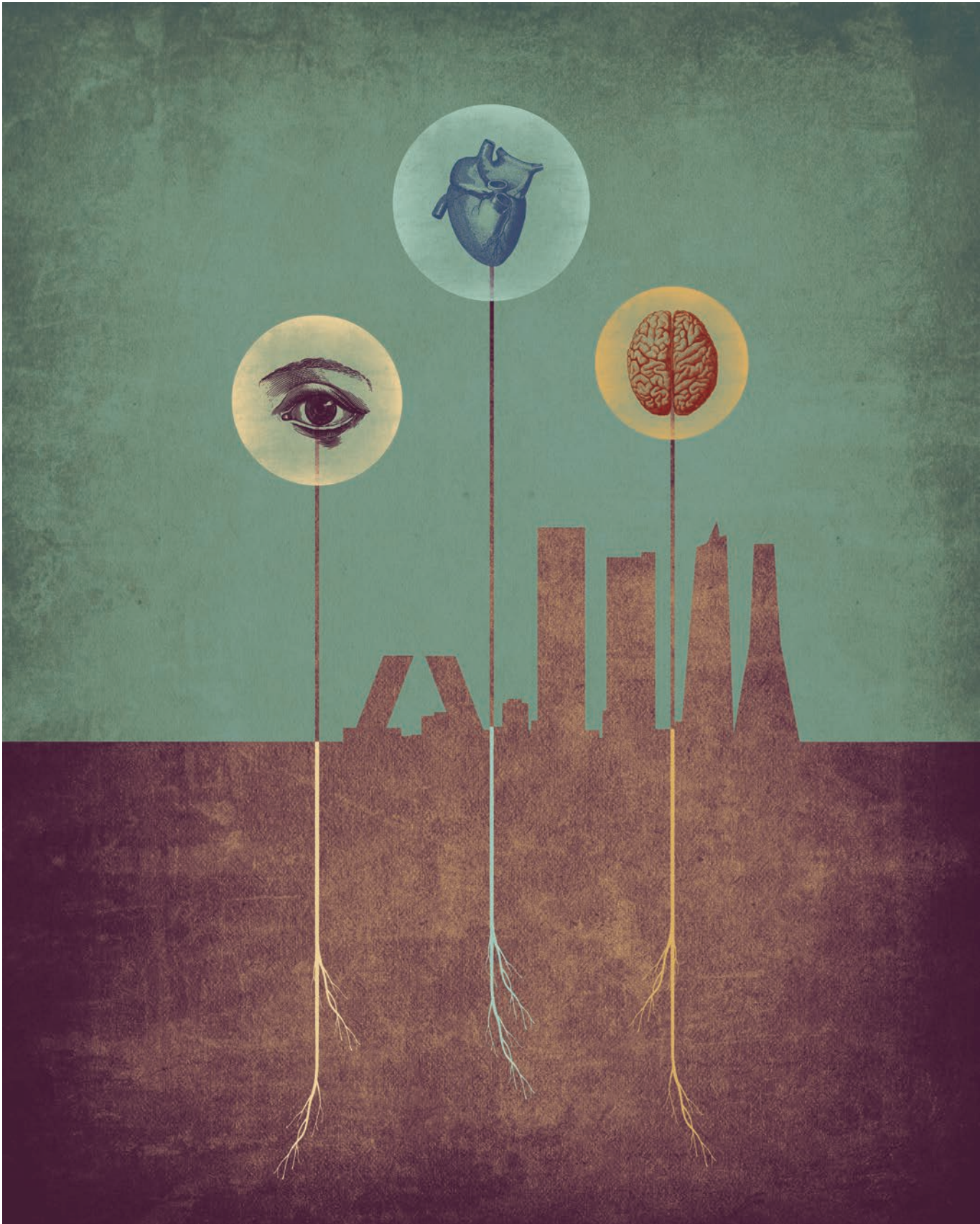
Pela sua localização geográfica ideal, suas boa rede de telecomunicações e infraestrutura e excelente rede de transportes, Madrid se apresenta como o lugar perfeito para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2020. Além disso, a tecnologia de ponta presente em suas ruas e a gama de atividades culturais e de entretenimento, fazem da cidade uma candidata única.

“*Os cidadãos de Madrid, apaixonados e motivados, estão preparados para receber e participar deste evento*”

Os cidadãos de Madrid, apaixonados e motivados, estão preparados para receber e participar deste acontecimento e mostrar os valores e o compromisso que a cidade tem demonstrado historicamente, demonstra no presente, e demonstrará sempre com o esporte e o Olimpismo.

Neste ambiente, é impossível não mencionar o apoio público –nacional, regional e local– que esta candidatura tem recebido e somos cientes do impulso que os Jogos Olímpicos de 2020 dariam a Madrid, em particular, e à Espanha, em geral, no processo de revalorização da Reputação do país.

A LLORENTE & CUENCA quer mostrar o nosso apoio incondicional nesta nova edição da revista UNO, entre outras contribuições, à candidatura de Madrid, declarando que confiamos em suas chances para que no próximo 7 de setembro seja favorável à capital espanhola. Isto significaria culminar, finalmente, um grande esforço para que no verão de 2020 os Jogos Olímpicos sejam um sucesso desde o ponto de vista organizativo, esportivo e de público. Desta forma, se realizaria esse velho refrão da cidade, claramente adaptado, aos desafios do presente: “*De Madrid al cielo...*” dos deuses do Olimpo.



“Citius, Altius, Fortius”



José Antonio Zarzalejos

Jornalista, ex-diretor da ABC e do El Correo

Há apenas três décadas, a preparação de uma cidade para os Jogos Olímpicos era considerada um reconhecimento de reputação internacional e uma grande oportunidade, tanto para o presente como para o futuro. Agora não mais. De fato, existem organizações bem estruturadas que defendem a máxima “*Bread not circus*” e plataformas como a IOCC (*Olympics on Community Coalition*), que se dedicam a monitorar o cumprimento de garantias de execução dos chamados direitos ambientais nas cidades-sede e outros direitos sociais, bem como transporte, habitação, aspectos econômicos e civis associados aos Jogos. Simultaneamente, as iniciativas olímpicas de cidades com aspirações –seja qual for– devem submeter-se à análise crítica de argumentos, segundo os quais a organização do evento quadrienal é um despropósito econômico.

De acordo com essas argumentações, o dinheiro é mal utilizado e faz com que os orçamentos disparem; igualmente, que a segurança adquira perfis de histeria coletiva com desdobramentos policiais intimidantes, pois o terrorismo parece pronto para aproveitar a visibilidade da magnitude Olímpica, também que as instalações, de alto custo, após os jogos não são recicladas, mas abandonadas a um envelhecimento espectral e, finalmente, que

“ *Há poderosíssimas razões para acreditar que em alguns casos, como o de Madrid, a sua designação como sede para os Jogos de 2020 seria uma real alavanca social e econômica* ”

as autoridades políticas terminam sem margem de manobra na organização dos Jogos, porque estão nas mãos de patrocinadores, da indústria desportiva, da televisão, que dá dimensão global ao evento, e até mesmo sujeito à criatividade de arquitetos, que antes da funcionalidade, aspiram deixar a sua marca imprecível nas cidades-sede.

O movimento olímpico tem tentado contrariar esta avalanche de objeções, apostando claramente no meio ambiente, enfatizando as heranças das instalações desportivas e hoteleiras, após o término dos Jogos, garantindo cidades seguras e controladas e, acima de tudo, mensurando, antes de decidir, o grau de adesão social e institucional à candidatura para sediar as Olimpíadas. Todas essas precauções foram tornando-se ainda exacerbadas diante da conjuntura já longa de grave recessão econômica nos países ocidentais –especialmente na Europa–, que não permite a mínima alegria orçamentária. Uma crise que, além disso, fez diminuir a ilusão cidadã que era, tradicionalmente, o motor da aspiração coletiva das cidades para entrar na lista das capitais do Olimpismo. A percepção de que o dinheiro público deve ser usado, primordialmente, e de forma quase exclusiva em políticas imediatas de reparação dos graves danos sociais deixados pela crise –desproteção dos

“*Todas as cidades olímpicas criaram empregos durante os sete anos entre a sua designação e a celebração dos Jogos: Londres, 200 mil postos, e em Pequim, 600 mil*”

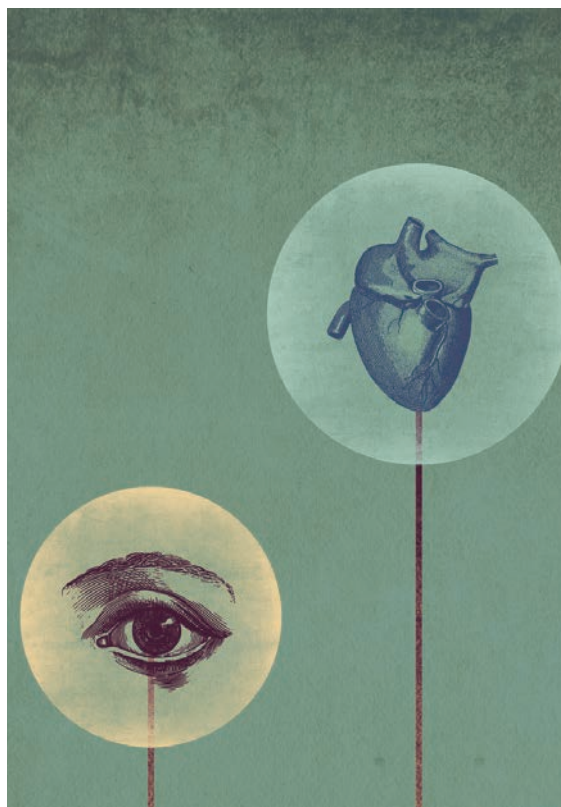
grandes grupos de cidadãos, desemprego, financiamento insuficiente para os serviços públicos essenciais— faz com que uma candidatura olímpica se torne, em alguns casos, uma frivolidade.

Todo o cenário anterior compõe uma realidade relativamente hostil —ou, alternativamente, pouco sedutora— para uma candidatura olímpica. E, no entanto, há poderosíssimas razões para acreditar que, em alguns casos, como o de Madrid, a sua designação como sede para os Jogos de 2020 seria uma real alavanca social e econômica. Do ponto de vista social porque, além da demanda de voluntariado que este evento sempre convoca, a segunda fase do itinerário da cidade anfitriã (a construção de infraestruturas), que se prolonga por sete anos, é intensiva na demanda por emprego. Nos Jogos de Londres 2012, a auditoria Deloitte estimou a criação de 200 mil postos de trabalho, e em Pequim, em 2008, ainda mais: 600 mil. Mas temos nas mãos um exemplo eloquente: em Barcelona, entre 1986 e 1992, a taxa de desemprego diminuiu de 18,4% para 9,6% (na cidade e nos arredores), enquanto em toda a Espanha, durante o mesmo período, subiu de 10,9% para 15,5%. As autoridades *madrileñas* e do Olimpismo espanhol supõem, com estimativas que parecem não estar hipertrofiadas, que nos sete anos prévios à celebração dos Jogos seriam criados até 320 mil empregos.

Se há de convir que o argumento é convincente quando o emprego, a construção e a estrutura são setores afetados. Dados que devem ser combinados com a declaração —por outra parte comprovável— de que muitas infraestruturas desportivas já

estão construídas e que, com outras novas, bastaria uma melhora para seu funcionamento ideal. A oferta hoteleira da capital da Espanha e das cidades adjacentes é dos mais sólidas da Europa. O orçamento que opera a cidade —em colaboração com as administrações central e regionais— parece razoável (em torno dos € 2.000 milhões). E o essencial em conexão com estes dados que dão razoabilidade à candidatura de Madrid: a capital precisa de três impulsos que só poderiam vir com a celebração dos Jogos Olímpicos.

O primeiro desses impulsos consiste no desafio de tornar verde a cidade. Desde 1994, o terceiro pilar dos Jogos Olímpicos é o meio ambiente. Madrid é uma cidade ocre, seca e com espaços livres escassos. O segundo impulso necessário é



“*Madrid necessita de três impulsos: o ambiental, o de converter-se em maior e melhor destino turístico e sua internacionalização. Com a celebração dos Jogos Olímpicos se poderia obter os três*

o que requer a capital como destino turístico. Isto seria conseguido com seu triângulo de museus –O Prado, o Thyssen e o Reina Sofia–, porque tem patrimônio artístico, expressões culturais (teatro, ópera, dança e música), com programações mal divulgadas, mas à altura de qualquer cidade europeia. E o terceiro impulso: Madrid precisa, sem demora, de uma internacionalização, como a que foi alcançada por Barcelona.

Os Jogos Olímpicos colocam sua sede no mapa, criam uma maciça aspiração de sentir tangivelmente a cidade de quem observa virtualmente a retransmissão e emite uma vibração de uma metrópole com os olhos, coração e cérebro –uma cidade viva–, que é analisada por metade dos habitantes do planeta. Madrid padece de algumas deficiências que só um grande salto com vara pode transpor. Seu imaginário está ligado à burocracia da administração do Estado, sua centralidade geográfica na península a priva dos benefícios urbanos do mar, o grande filão do turismo espanhol –nosso país é uma potência– oferece sol e praia, mas não há circuitos urbanos capazes de fazer concorrência.



É certa uma objeção séria e inequívoca: Madrid tem um déficit fiscal de mais de € 7 bilhões. Mas devemos colocar essa cifra e seu financiamento em uma perspectiva temporal muito diferente da atual: nos próximos sete anos, o curso da crise será em direção à recuperação. Certamente será um processo muito lento, mas nem por isso se deixará de produzir. Se Madrid segue o rastro dessa recuperação socioeconômica, através de um evento que terá um marco temporal em que a recessão já deveria ter sido superada, a capital da Espanha alcançaria o Olímpico *citius* (mais rápido), *altius* (mais alto), *fortius* (mais forte) que tanto precisa. Devemos superar o ceticismo e, além disso, o pessimismo. É possível que em setembro, Madrid seja eleita sede dos Jogos Olímpicos 2020. Se assim for, a oportunidade será extraordinária. E se não, voltemos ao sábio Barão Pierre de Coubertin: o importante terá sido participar.



ESTAMOS preparados



Alejandro Blanco

Presidente da Sociedade Madrid 2020 e do Comitê Olímpico Espanhol

Todo mundo sabe que a tentativa de trazer os Jogos Olímpicos e Paralímpicos para o seu país é algo realmente importante. Não só pelo esporte, que é evidente, mas pela importância de sediar um evento como este em todos os aspectos: econômico, social, e até mesmo para a motivação de toda uma nação. Não existe um evento no mundo igual aos Jogos, e Madrid está há mais de 12 anos lutando para trazê-lo.

Há momentos em que uma cidade está pronta para sediar os Jogos, e outros em que não. Mas o importante, vital, é continuar trabalhando para estar preparado. E é o que temos feito nesta Candidatura.

Muitos podem dizer que perdemos nas duas ocasiões anteriores. Nós não percebemos assim. A cidade ganhou com essas tentativas. A cidade tem agora a infraestrutura que antes não tinha, e que já constitui um legado para esta cidade. Ganhamos, aprendemos e melhoramos durante este longo trajeto. Agora temos um projeto sólido, realista e, acima de tudo, responsável. E temos ainda um país e instituições que nos apoiam, sem dúvida.

Nos dias que restam até a eleição da sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2020, uma das perguntas mais recorrentes é: por que Madrid?

“Uma das perguntas mais comuns é: por que Madrid? E a resposta para nós é mais evidente do que nunca: porque estamos prontos, somos confiáveis e somos responsáveis

E a resposta para nós é mais evidente do que nunca: porque estamos prontos, porque somos confiáveis e porque somos responsáveis.

Somos responsáveis com nossa cidade, com nosso país, nossos atletas, nosso esporte e com o Movimento Olímpico. Somos responsáveis porque o orçamento de Madrid 2020 se ajusta aos tempos de crise que percorre o mundo e foi concebido com o objetivo de modo que se transforme em um retorno real para a cidade no longo prazo.

O investimento total para organizar os Jogos de Madrid é uma soma menor que a de Pequim 2008, Londres 2012 e Rio de Janeiro 2016. E nosso projeto não contempla “elefantes brancos”. Ou seja, não serão construídas instalações cujo futuro não esteja garantido. Contamos, no entanto, com espaços maravilhosos como *Las Ventas* ou *El Retiro*, lugares emblemáticos de Madrid que serão reconvertidos, pontualmente, para que façam parte da aventura olímpica da cidade.

Os orçamentos para Madrid 2020 são sólidos e conservadores e estão baseados em fortes compromissos públicos e privados. A candidatura da cidade se esforçou por desenhar um orçamento realista envolvendo um investimento responsável.



De fato, o orçamento COJO (da organização dos Jogos Olímpicos), será de US\$ 3.096 milhões, inteiramente financiado com recursos provenientes do evento. Preparar Madrid para os Jogos requererá outros US\$ 1.708 milhões, que serão aportados pela Administração Pública; um terço pela prefeitura, um terço pelo Governo Estadual de Madrid e outro terço pelo Governo Central. Todos já assumiram compromissos para garantir esse investimento caso Madrid seja designada para sediar os Jogos de 2020.

Além disso, a cidade já tem 80% das infraestruturas prontas, de modo que não é preciso fazer grandes investimentos. E em todo caso, as autoridades espanholas estão amplamente preparadas para atender o investimento estabelecido.

Madrid 2020 é, sem dúvida, um projeto sólido, realista e com uma qualidade técnica excepcional. E que tem, adicionalmente, outro ponto forte: a experiência em organização da nossa cidade e do nosso país. Só nos últimos dez anos, a Espanha tem acolhido 77 Campeonatos Mundiais e 85 Campeonatos da Europa. Nossos estádios têm sido palco para mundiais de Handbol, Taça dos Campeões da UEFA, torneios internacionais de tênis e milhares de eventos esportivos nos

“ *Não estamos adaptando os Jogos Olímpicos e Paralímpicos à nossa cidade, é ela que já se adaptou aos Jogos* ”

quais não só destacaram-se atletas, mas também voluntários e técnicos que tornaram possível estas competições.

Contamos também com uma fantástica rede de transportes que permitirá milhões de visitantes que chegam à nossa cidade possam movimentar-se confortavelmente.

Não estamos adaptando os Jogos Olímpicos e Paralímpicos à nossa cidade, é ela que já se adaptou aos Jogos.

Todo mundo já sabe: Madrid é uma cidade acolhedora, confortável, segura e cosmopolita, que espera de braços abertos atletas e visitantes. Uma cidade que possui uma oferta de lazer e cultura única, e onde milhões de pessoas vivem com paixão o esporte, sejam ou não atletas, e esperam experimentar em primeira pessoa uns Jogos em nosso país.

A candidatura de Madrid não é uma Candidatura de promessas, sempre fizemos tudo aquilo que dissemos. Madrid 2020 não é uma Candidatura de sonhos, já está construída. Só precisamos seguir avançando para que no dia 7 de setembro Jacques Rogge leia em voz alta as seis letras que dão nome à nossa cidade: M-A-D-R-I-D. E esse será o momento de continuar trabalhando. Por e para o esporte e os atletas.

○ **IRRESISTÍVEL EFEITO** DOS **anéis olímpicos**



Santiago Segurola

Adjunto da Direção do Jornal esportivo Marca

Madrid, Tóquio e Istambul disputam pelo prestígio de serem escolhidas sede dos Jogos de 2020.

Uma imaginária linha reta de 11 mil quilômetros une Madrid e Tóquio, passando por Istambul. São três cidades que representam culturas muito profundas e diferentes, com uma marca decisiva no desenvolvimento histórico e social da humanidade. Agora estão unidas pela mesma ambição: organizar os Jogos Olímpicos de 2020. Cada uma dessas cidades oferece algo especial em uma luta que, inevitavelmente, gera uma considerável carga emocional. A designação das sedes olímpicas tornou-se um evento que está muito além da mera nomeação de uma cidade. É uma questão de alta política, de enormes expectativas econômicas, de orgulho patriótico, de tudo o que está relacionado com os momentos que mensuram o prestígio das nações.

Poucas cidades sabem melhor do que Madrid o que significa o sonho olímpico. Neste caso, o sonho nunca realizado. E conhece este processo em um período da história no qual os Jogos Olímpicos adquiriram uma nova dimensão. Se apresentam agora como um evento que vai muito além da sua esportividade para se tornar uma das principais representações políticas, comerciais e midiáticas do nosso tempo. Mas nem sempre

“ *A designação das sedes olímpicas tornou-se um evento que está além da mera nomeação de uma cidade* ”

foi assim. No final da década dos anos 70, o movimento olímpico passou por um período de desajustes e falta de soluções para os principais problemas da época: a guerra fria e o choque dos blocos mundiais, a questão do *apartheid* na África do Sul e a per-

sistência na defesa cínica de um amadorismo nominal, mas sistematicamente violado.

O espanhol José Antônio Samaranch foi o responsável por transformar, com erros incluídos, uma etapa moribunda do Comitê Olímpico Internacional (COI) em um projeto que abrangeu a natureza do esporte contemporâneo: profissionalismo, espetáculo, globalização, negócios e transcendência social. É verdade que ficaram de lado alguns princípios básicos do Movimento que o Barão de Coubertin criou, mas o caminho traçado explica o pragmatismo de uma organização que, por exemplo, em meados dos anos 30 não tinha muitos pontos em comum com o seu episódio fundacional, os Jogos de Atenas de 1896.

O que pode ser chamado de *período Samaranch* abrange os últimos 30 anos, se consideramos o inesperado sucesso de Los Angeles, em 1984, como propulsor de um novo significado dos Jogos Olímpicos. Este período coincidiu em seu nascimento com vários eventos históricos extremamente importantes: a participação da China

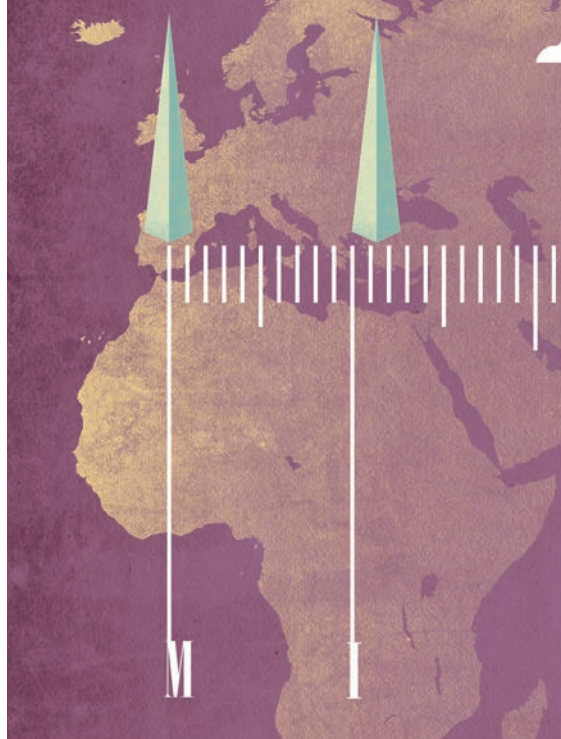


“ *O mundo mudou drasticamente ao longo dos últimos oito anos. É um novo cenário que obriga a pensar nos Jogos Olímpicos de forma diferente* ”

nos Jogos de 1984, a quebra do pavilhão esportivo comunista com o desfeito da Romênia (que também participou naqueles Jogos), o colapso do bloco soviético no final dos anos 80 e a influência das novas tecnologias na construção de um mundo global.

Os Jogos Olímpicos têm sido uma parte substancial deste novo cenário, muitas vezes cercado por incertezas. As últimas edições foram uma clara amostra do novo mundo em que vivemos: o fim do *apartheid* na África do Sul, a fragmentação da zona dos Balcãs, a reorganização do que era conhecido como o espaço soviético, a aparição da China como uma formidável potência mundial e o papel político e econômico dos países emergentes. Desde 1988, quase todas as edições dos Jogos Olímpicos se posicionaram próximas a essas questões críticas da etapa histórica atual. Uma forma de compreender o olfato audaz do COI.

Nunca faltou ambição ao movimento olímpico desde a sua criação no final do século XIX. Agora podemos descrever esta época como a máxima expressão da globalização, a ideia original expressada por De Coubertin merece um interesse especial: um movimento planetário sustentado por valores como a educação física, o pacifismo, o respeito pelas regras da ética, etc. Em uma época onde começavam a aparecer as primeiras invenções destinadas a iluminar a nova era tecnológica –ferrovias, automóveis, telefones, rádio–, o Barão De Coubertin entendeu a nova natureza do seu tempo, cada vez mais próxima de uma visão global. Neste sentido, o COI estruturou uma rede global antes que o mundo sonhasse com a globalidade. Talvez por isso tem sido sempre uma



organização preparada para se adaptar ao signo dos tempos. Muito do seu trabalho já estava feito desde o começo.

Nessa nova realidade, os Jogos Olímpicos assumiram um papel importante como reflexo dos nossos tempos. Foi impressionante a designação da sede olímpica em Cingapura em 2005. Quatro das cinco aspirantes eram as cidades mais importantes das potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial: Nova York, Moscou, Londres e Paris. A quinta candidata era Madrid. O elenco de cidades impressionava pela ambição política que representava e pelo extraordinário papel simbólico dos Jogos Olímpicos, convertidos em um fenomenal difusor de poder e prestígio. Naquela tarde, em Cingapura, onde Londres foi escolhida para sediar a edição de 2012, foi encenada a transcendência dos Jogos na atual sociedade política, midiática, esportiva e econômica.



“A proposta de Madrid é a de uma capital moderna, com infraestruturas magníficas em um país que está passando por uma formidável época esportiva

Madrid tem perseguido obstinadamente a organização dos Jogos. Se apresenta pela terceira vez consecutiva à eleição que será realizada no dia 7 de setembro em Buenos Aires. E se postula em circunstâncias diferentes àquelas que rodearam a sua oferta em Cingapura, quando foi derrotada por Londres na votação final. O mundo mudou drasticamente ao longo dos últimos oito anos. Neste meio tempo houve a maior crise financeira desde o *crash* de 1929. As circunstâncias mudaram tanto que o COI não pôde ficar alheio aos efeitos desse golpe econômico. É um novo cenário que obriga a pensar nos Jogos Olímpicos de forma diferente. Atrás ficaram aqueles anos felizes da bolha imobiliária e financeira na maior parte do mundo. Atravessamos uma realidade diferente.

Os três projetos oferecem qualidades inegáveis. A proposta de Madrid é a de uma capital moderna, com infraestruturas magníficas, em um país que está passando por momento esportivo formidável, com o maior apoio popular para a realização dos Jogos Olímpicos –81% dos cidadãos– e com o 80% das instalações já construídas. É uma candidatura indiscutível, apoiada por uma cidade que tem demonstrado de forma inequívoca o seu desejo de participar da aventura olímpica, uma cidade moderna que oferece um programa ambicioso, mas realista: coerente com tempos nos quais a eficácia e o pragmatismo são essenciais.



Damián Blaum

Nadador olímpico argentino

A ponto de escrever sobre a candidatura de Madrid para sediar os Jogos Olímpicos de 2020, a primeira coisa que devo dizer é que a cidade tem o meu voto sem dúvida. Sou um apaixonado pelo país do qual “roubei” a mulher da minha vida, Esther Nuñez, também nadadora como eu. E tenho uma longa história vivida na Espanha. De fato, escrevo estas linhas durante uma pausa no meu treinamento em *Sierra Nevada*, este magnífico Centro esportivo localizado no sul da Espanha.

A primeira vez que aterrissei em Madrid, aos 20 anos, fiquei impressionado com uma cidade que me acolheu com tanto carinho e generosidade que me fez sentir que eu não estava fora de Buenos Aires. Na verdade, viajei com uma ideia que acreditava ser uma realidade. E assim foi: descobri uma cidade incrível, que vivia uma época de prosperidade absoluta e seus habitantes a disfrutavam e convidavam seus visitantes a apreciá-la.

Conheço a história das candidaturas anteriores e a decepção que viveu Madrid cada vez que outra cidade foi a escolhida muito além de qualquer consideração política, compreensível, apesar de que todas as pessoas que, como eu, amam Espanha, custe aceitar. Sem dúvida, o Comitê Olímpico Internacional (COI) assume com seriedade absoluta

“ *Tenho a esperança de que depois da América do Sul, a sede retorne ao continente e Madrid tenha de novo as maiores possibilidades porque conta um projeto muito bom* ”

a eleição da cidade que acolhe a cada quatro anos o evento mais importante do esporte mundial, mas isso não significa que não tenha sentido a mesma frustração que milhões de espanhóis quando Madrid não foi selecionada para os Jogos de 2016. É compreensível que Europa não possa ter sido eleita duas vezes consecutivas e por isso tenho a esperança

de que depois da América do Sul, a sede retorne ao continente e Madrid tenha de novo as maiores possibilidades porque conta um projeto muito bom e já se preparou para as candidaturas anteriores e melhorou para a próxima.

Ainda que a situação econômica atual do continente seja muito diferente da época em que foi definido que o Rio de Janeiro recebesse os próximos Jogos, o esporte sempre dá revanche. E ao mesmo tempo em que é positivo que as sedes sejam definidas com muitos anos de antecedência, também é perigoso porque as condições das cidades e países mudam rapidamente.

Através de amigos costumo receber informações sobre o projeto da candidatura de 2020 e sei que está muito bem configurada a capitalização do desenvolvimento de cada um dos locais nos quais serão executadas as competições. O medo é compreensível frente a um empreendimento tão



“*Imagino o aeroporto de Barajas vestido para a ocasião e as entradas da cidade enfeitadas com anéis olímpicos e me arrepio*”

grande, mas também entendo que todas as precauções estão sendo tomadas para que a cidade possa receber o mundo (porque é precisamente o que acontece nas sedes olímpicas), em meados de 2020.

Assim como reconheci que era difícil que a Europa tivesse dois Jogos consecutivos, porque entendo que uma das missões do COI é ampliar cada vez mais seu marco de atuação e por isso Madrid não pôde suceder a Londres, também sei que a Operação *Puerto* pode ser um novo ponto fraco para a candidatura que se definirá em setembro em Buenos Aires, a cidade onde nasci. Sabemos que a luta contra o *doping* é outro dos cavalos de batalha da Comissão, de modo que as repercussões deste inquérito poderiam ser contraproducentes.

Mas, do mesmo modo, é também um motivo para eleger a capital de um país que mostra o seu comprometimento com um esporte limpo. Acho que seria a melhor forma de transformar uma aparente fraqueza em uma fortaleza potencial. E não duvido que os responsáveis pelo desenvolvimento da candidatura saberão reforçar esta mensagem.

Acabei de fazer 32 anos, tive a sorte de competir em Pequim 2008, perdi por muito pouco a chance de participar em Londres 2012 e imagino os próximos encontros olímpicos de uma outra perspectiva. Minha carreira esportiva está chegando ao fim. Pelo menos em relação às distâncias olímpicas, pois agora me dedico 100% a distâncias maiores, mas isso não me impede de imaginar como se vestirá Madrid se finalmente tiver a oportunidade de sediar os Jogos Olímpicos em 2020.

Agora mesmo até me atrevo a sonhar acordado. Imagino o aeroporto de Barajas vestido para a ocasião e as entradas da cidade enfeitadas e cheias de anéis olímpicos e me arrepio. Mas além dos sonhos, sei que está sendo feito um trabalho com muito esforço e que a luta não será fácil.

Em setembro vou estar torcendo, onde quer que esteja, para que Madrid seja a escolhida. Confio que a mágica Buenos Aires, com todos laços que unem as duas cidades, faça a sua contribuição para persuadir os responsáveis pela definição da sede dos Jogos Olímpicos de 2020. Buenos Aires, bons ventos, bons presságios e um sonho compartilhado.





DE **MADRID** AO **céu olímpico**



Marcial Muñoz

Diretor do jornal Marca Colômbia

No próximo 7 de Setembro, Madrid e toda a Espanha aguardam com grande expectativa a reunião do Comitê Olímpico Internacional, em Buenos Aires. A Argentina, logicamente, será testemunha da Assembleia do COI, na qual será definido o nome do anfitrião dos Jogos Olímpicos de 2020.

Madrid, única grande capital da Europa que não realizou Jogos, aposta tudo em uma única carta. Ou realmente não, já que é a terceira vez consecutiva a ser lançada candidata olímpica. Nas outras duas ocasiões, a capital da Espanha se mostrou ao mundo como uma cidade moderna, bem sucedida no esporte e com uma rede de comunicações e de hotéis incomparável em todo o mundo. E isso, que é verdade, não foi o suficiente para vencer. O exigente comitê avaliador, nas ditas votações, preferiu a sobriedade e o respaldo econômico da “city” londinense em sua Assembleia realizada em Cingapura: e, quatro anos atrás, em Copenhague, a pujança de uma economia ascendente como a brasileira. Penso que ambas ocasiões, o Comitê Olímpico não estava errado. Londres, como demonstrou meses atrás, não só foi um grande êxito organizativo, mas também, agora com a crise econômica mundial, soube e pôde fazer um evento rentável. A primeira vez em muitos anos que os Jogos Olímpicos não se transformava em buraco econômico após a saída dos atletas. Com o Rio tudo está por ser visto dentro de três anos, embo-

“ *O voto latino-americano será fundamental na decisão* ”

ra pareça que o bom trabalho e a alegria do povo o convertam em um sucesso. A verdade é que o Brasil e o continente sul-americano já o mereciam. O Brasil é hoje uma potência

que todos observam. Possui indicadores econômicos invejáveis e tornou-se um modelo para outras economias emergentes. Um evento como os Jogos Olímpicos e, obviamente, a Copa do Mundo do próximo ano, são um prêmio merecido à gestão e às coisas bem feitas.

Desta vez as coisas parecem muito diferentes para Madrid 2020. É uma candidatura mais madura. Aprendeu com seus erros, melhorou significativamente a proposta integral (muito à medida do COI) e, especialmente não terá que lutar em um duelo com nenhuma cidade da América Latina, como aconteceu há quatro anos, contra o Rio de Janeiro. Seus rivais: Istambul e Tóquio não parecem candidaturas particularmente fortes e, é claro, não têm a maturidade ou a experiência de ter perdido duas finais por muito pouco. O voto latino-americano será fundamental na decisão.

A partir de um diário de identidade colombiana, mas de coração espanhol como o Marca, poderia perder tempo tentando justificar porque peço o voto para Madrid, que é também, aliás, a cidade que me viu nascer. Não vou malgastar mais linhas com isto. O fato é que Madrid merece. A cidade vem trabalhando neste projeto há mais de 15 anos

“ *Conheci ao longo estes anos dezenas de profissionais, atletas e voluntários que apostaram tudo para que Madrid cumpra o seu sonho olímpico* ”

e sabe que esta é sua última chance. Conheci ao longo destes anos dezenas de profissionais, atletas e voluntários que apostaram tudo para que Madrid cumpra o seu sonho olímpico. Em termos gerais, foram muitos bem feitas as coisas e a luz no final da estrada está muito próxima.

Madrid parte como favorita e isso nem sempre é bom pelas alianças entre os que se sabem menos preferidos. A Turquia, e mais concretamente Istambul, está passando por semanas muito conturbadas quanto à violência nas ruas. O COI é inimigo de escândalos (tem os seus próprios) e as terríveis manifestações na cidade nas últimas semanas, fizeram o país perder muitos pontos a favor. Tudo aponta para a direção de que o fator surpresa está sendo desativado a partir das entranhas do próprio Império Otomano. Cada dia são mais fortes as vozes descontentes com a situação política na Turquia e seu regime de liberdades. Mas isso não é tudo para não vencer, como foi demonstrado pela China, que não é exatamente o campeão da liberdade e Pequim tomou os jogos (bem sucedidos, por sinal) em 2008.

Um mês atrás, em razão do lançamento do Marca na Colômbia, tive o privilégio de compartilhar dois dias com Alejandro Blanco, presidente do Comitê Olímpico Espanhol, que, além de promover a candidatura de Madrid, foi muito claro em seu compromisso com a América Latina e recordou Cali, que sediará os Jogos Mundiais. Ou Buenos Aires e Medellin, que buscam sorte igual a de Madrid, com os Jogos da Juventude de 2018. Sua mensagem foi contundente, a ponte entre a América Latina e Espanha, sempre histórica, aparente em numerosas ocasiões, está e



deveria estar mais aberta do que nunca. Cultural e economicamente, em ambos os lados do Atlântico, há muito caminho a se percorrer juntos.

O fato é que quando me despedi de Blanco no aeroporto *El Dorado*, em Bogotá, morto de curiosidade, perguntei-lhe diretamente se Madrid ganharia no dia 7 de setembro. Ele, como bom *gallego*, não me deu uma resposta clara, mas fez um gesto sorridente que me fez feliz. Que assim seja, como disse, Madrid e seu povo merecem.



Carlos Lamela

Arquiteto

Estamos perto, muito perto, talvez como nunca antes, apesar dos dois baldes de água fria anteriores, alguns deles quando já acariciávamos com a ponta dos dedos a nomeação.

Mas a fé, a perseverança, o otimismo e o convencimento de que somos uma grande cidade, apoiada por uma grande nação, não nos fez desistir. E vamos conseguir. Os Jogos Olímpicos de 2020 serão realizados em Madrid. E lamentamos muito pelas nossas admiradas Tóquio e Istambul. Uma já teve a sua chance e a outra certamente terá o seu momento.

Mas a minha missão, além de ter me atrevido como *madrileño* a sonhar com um desejo de quase todos os espanhóis, é falar de arquitetura, tanto daquela já realizada, como aquela que deve ser preparada para “matar o jogo”.

Tivemos a visão de começar a trabalhar com muita antecipação, talvez até demais para alguns, mas hoje esta circunstância é uma das nossas maiores vantagens. Nestes momentos de incerteza global, contar já com um programa muito desenvolvido e com uma elevada percentagem das infraestruturas já prontas joga a nosso favor. Além disso, existe uma abordagem simples, solvente, austera, sem exagerar e com os pés no chão. Já não devemos construir caras infraestruturas de uso futuro

“ *Devemos agir com moderação e austeridade, bom senso e eficiência, pensando no futuro da cidade e no bem-estar das gerações futuras* ”

incerto, nem cometeremos os erros do passado ao projetar complexos faraônicos idealizados por “arruinadoras” e, em muitos casos, astros mundiais da arquitetura.

Devemos agir com moderação e austeridade, bom senso e eficiência, tendo em vista não só

os 30 dias olímpicos, mas o futuro da cidade e o bem-estar das gerações futuras.

Madrid já conta com várias instalações que poderiam sediar o evento. A maioria dos locais necessários já estão construídos: a Vila Olímpica, o estádio Santiago Bernabéu e o La Peineta, o ginásio esportivo, o complexo da *Caja Mágica*, *El Retiro*, *Las Ventas*, *Madrid Arena*, os pavilhões de IFEMA... Talvez o nosso desafio não seja mudar uma cidade de forma tão dramática quanto foi feito em Barcelona ao se abrir ao mar para os Jogos de 1992 –Madrid já planejou ou realizou nos últimos anos, grandes operações urbanísticas como o enterro do rodoanel da M-30, o projeto Madrid Rio, a Operação Chamartin, etc.– mas ainda deverão ser finalizadas áreas importantes da cidade que agora estão inacabadas, como o entorno do estádio de *La Peineta*, as instalações aquáticas, a Vila Olímpica, etc.

Também deveremos atualizar a capital com novas infraestruturas hoteleiras, algumas das quais não



“Pela sua qualidade arquitetônica, seu compromisso com a arte e a cultura, a sua história e os seus habitantes, Madrid merece ser olímpica

são coisa do futuro, mas sim uma autêntica realidade. Este é o caso do Complexo *Canalejas Madrid Centro*, que acolherá o novo hotel de super luxo *Four Seasons*, cujo projeto temos o orgulho e privilégio de assinar como arquitetos.

Uma nomeação olímpica é uma oportunidade única na história. Apenas um punhado de cidades no mundo inteiro tiveram ou terão a sorte de serem escolhidas. E como já aconteceu na história com outros eventos culturais e sociais, tais como exposições universais ou de menor escala, o evento pode mudar o curso de qualquer cidade. Em quase todos os casos, houve um antes e um depois.

Pela sua qualidade arquitetônica, pelo seu compromisso com a arte e a cultura, pela sua história e por seus habitantes, Madrid merece ser olímpica. Nossa cidade é um dos destinos turísticos mais importantes do mundo. É um dos principais centros de congressos, uma cidade de primeira linha. E, acima de tudo, conta com uma importante bagagem esportiva, por ser o berço e lar do melhor clube de futebol da história –e não, não digo isto cego pelo meu reconhecido “madridismo”, herdado do meu pai, que hoje disfruta de seu status como “senador Branco” ao estar entre os cem sócios mais antigos do Real Madrid, mas para o que isso significa para a eleição da nossa cidade como Vila Olímpica–.

Os Jogos Olímpicos modernos nasceram em 1896, apenas seis anos antes da fundação do nosso querido clube (o Real Madrid), e por muitos anos, até após a Segunda Guerra Mundial,

o futebol era um dos esportes estrela, e o Real Madrid um dos clubes que mais jogadores deu ao Olimpismo espanhol: Antuérpia 1920, Paris 1924, Roma 1934. Depois, o profissionalismo –tradicionalmente excluído do esporte olímpico até relativamente poucos anos– e o estabelecimento da Copa do Mundo de Futebol em 1930, fez decair o “esporte rei” na arena olímpica. Mas o Real Madrid deverá aportar o seu maravilhoso Estádio Santiago Bernabéu a este grande acontecimento. E será uma circunstância extraordinária, já que nesse momento será sem dúvida um dos melhores estádios do mundo, pois já estará finalizada a grande obra que o atual presidente Florentino Perez quer empreender e em cujo concurso de ideias arquitetônicas e de exploração econômica –neste momento em desenvolvimento– temos o privilégio de participar, formando uma equipe com Populous, nossos parceiros e líderes mundiais de arquitetura para eventos esportivos, e autores de inúmeros estádios como o novo Wembley ou o Estádio Olímpico em Londres.

Ao querido Atlético de Madrid lhe corresponderá o estádio de La Peineta, que após os Jogos Olímpicos será convertido em espaço exclusivo para futebol, e que também vai estar entre os melhores e mais modernos da Europa.

O futuro é nosso. Madrid, 2020.





1

2

3



Istanbul

Madrid

Tóquio

OU A **austeridade** DE UM **gigante**

Gerardo Riquelme

Editor-chefe do diário esportivo Marca

Três cidades de tradição, Madrid, Istambul —a antiga Constantinopla— e Tóquio, compõem o mosaico de candidatas a sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2020. São cidades emblema de ambições imperialistas já superadas, todas dotadas de uma justificativa ou queixa para que em 07 de setembro seu nome apareça ou não no cartão que será lido por Jacques Rogge, presidente do Comitê Olímpico Internacional. Ninguém discutirá que a solidez de Madrid, o multiculturalismo de Istanbul ou a segurança de Tóquio foram motivos vazios para serem eleitas. Para isto, previamente o COI promoveu um corte no ano passado: para que este grupo, a qual é concedido um poder supremo, a cada dois anos —entre o inverno e o verão— possa designar o vencedor sem mais embaraço.

No amálgama do raciocínio que brota de tal Assembleia não há uma matéria central. Os cerca de cem membros do COI são personagens difíceis de decifrar para qualquer um dos agentes que estão envolvidos na caça aos votos. Nem *Napoleón de Austerlitz*, nem qualquer um dos grandes estrategistas da humanidade, seria capaz de garantir a vitória contra um grupo para o qual as circunstâncias, a ascensão do esporte, a importância econômica e seu uso como uma ferramenta social, elevaram sua condição. Hoje,

“ *O Produto Interno Bruto de mais da metade dos países do planeta é facilmente inferior aos US\$ 50 bilhões orçados pela cidade de Sochi, na Rússia, para os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014*

ser membro do COI é uma formidável responsabilidade. É como ser parte de uma espécie de Nações Unidas socioeconômica, mas sem a ameaça de veto. Não é o Olimpismo, inventado há 125 anos pelo Barão Pierre de Coubertin, o que se maneja por entre os dedos, é o futuro de um país que está em jogo.

Observou-se há quatro anos, em Copenhague. Nos arredores da cidade das bicicletas, o Olimpismo alcançou um momento tão alto quanto perigoso. Juntos na mesma sala, Barack Obama, Lula, Yukio Hatoyama e José Luis Rodríguez Zapatero representavam quatro governos dos então 10 países mais ricos do planeta. Mas não eram os protagonistas. Naquele dia de outubro de 2009, seus papéis se resumiam aos de vice-reis de um mundo que é tangencial, onde suas constituições não são absolutas, mas cujo fascínio e necessidade transformam a sua realização em uma questão de Estado. Pequim investiu US\$ 43 bilhões em seus jogos, Londres, US\$ 13,9 bilhões; Sochi, 50 bilhões para os Jogos do próximo ano, já com seu tempo acabando. A metade dos países do mundo, do Uruguai, do posto 90 para baixo, não tem esse Produto Interno Bruto anual.

Madrid, a capital da Espanha, um país que tem contribuído de uma maneira inegável para o es-

“*Há quatro anos o Olimpismo alcançou um momento tão alto quanto perigoso: Obama, Lula, Hatoyama e Zapatero juntos na mesma sala. E não eram os protagonistas*

porte, primeiro com seu mais brilhante visionário –Juan Antonio Samaranch– e depois com a sua constelação de estrelas do século XXI, tem se entregado à causa. É a terceira vez que comparece, circunstância que também contém uma qualidade muito valorizada na competição, que é persistência. Em ocasiões anteriores, o vento era contrário e a sensação foi a de uma projeção interna do antigo prefeito de Madrid, Alberto Ruiz-Gallardón, ao invés de um sincero desejo de receber o grande movimento social da era moderna, como agora.

Em tempos em que o mundo dá razão a Groucho Marx e seu desejo de sair dele pelas dimensões que tudo tem tomado, talvez convenha ao movimento olímpico uma aposta pela austeridade. A mensagem do COI pode parecer distorcida depois de confiar os Jogos, nas últimas ocasiões, a propostas que surgiram das entranhas de um programa de *software*, com orçamentos e prazos impossíveis de serem implementados. É dever de todas as mentes do Château de Vidy, em Lausanne, a criação de um cenário onde países com algum crédito, principalmente organizacionais, possam concorrer com aspirações.

O Olimpismo já sofreu um colapso significativo no final dos anos 80. Então a alternância não escrita entre os dois únicos continentes que impulsionavam a máquina esportiva, com os países ricos da Europa mais avançada e a América do Norte, resultou que na edição de 1984 só um país podia ter oportunidade: Los Angeles não teve que passar por qualquer escrutínio para a nomeação. A mesma ameaça paira em termos orçamentários desta vez: mover quantidades



superiores a US\$ 10 bilhões é circunscrever os Jogos a um grupo muito frágil.

O conceito *smart* proposto por Madrid parece a saída consistente para um movimento cuja coisa mais valiosa oferecida à humanidade são as pontes que tem criado entre as culturas, entre as pessoas. Existe algo mais altruísta e maravilhoso que um legado direto a uma população desesperançada, com quase seis milhões de desempregados e 57% dos jovens fora do mercado de trabalho como o espanhol? Embora, por outro lado: está legitimado um país de classe média-alta global expor um problema, provavelmente o mais grave, como argumento para obtê-lo?

MADRID 2020

Às suas marcas, prontos... já!



Amalio Moratalla

Sócio e Diretor Sênior da Área de Esporte e Reputação da LLORENTE & CUENCA na Espanha

Aprendemos a ser uma cidade candidata. Já são muitos anos nos quais Madrid tem trabalhado muito, na substância e na forma, com entusiasmo, com os meios e a experiência para ser a favorita para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. E desta vez, o nosso favoritismo não sai do desejo, mas é o resultado de um trabalho bem feito ao longo de mais de dez anos. Perdendo votações aprendemos a ganhá-las, a nos superar, a continuar criando ilusão, infraestruturas e uma cidade comprometida com um movimento social que vai muito além da disputa de alguns atletas.

Somos favoritos, não só pelo desejo e impulso de um país e/ou de uma cidade, mas pelas realidades. Existem as instalações, o planejamento, o apoio popular, os meios e os recursos necessários a fim de demonstrar, mais uma vez, que estamos absolutamente preparados para que os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Madrid 2020 sejam um autêntico sucesso. Agora, olhando à distância do tempo, talvez em relação a 2012 (quando também tínhamos muita ilusão), ou a 2016, chegamos muito cedo. 2020 é o nosso momento.

Em plena crise, com sofrimento em todos os setores sociais, empresariais, laborais, econômicos...

“ *Perder classificações para aprender a ganhá-las, para se superar, para continuar a criar a ilusão, infraestrutura e uma cidade comprometida com um movimento social que vai muito além da disputa de alguns atletas* ”

Com Alejandro Blanco, presidente do Comitê Olímpico Espanhol na liderança, rodeado por uma equipe de trabalho que cheira mais a um bálsamo que a estratégia política, colocamos a candidatura na primeira linha de saída para que no próximo 7 de setembro, em Buenos Aires, os membros do COI apertem o botão de “Madrid” como a melhor opção para celebrar os Jogos que tanto desejamos, pelos quais

temos lutado por muitos anos e para os quais já adquirimos uma maturidade notável, com engajamento social, público e privado.

Também não quero falar muito sobre nossos ‘rivals’. São amigos e isto é esporte e olimpismo. Mas nem Tóquio, com uma porcentagem menor de infraestruturas feitas, contra o 78% de Madrid, com menos apoio popular que nossa cidade e com alguns aspectos adicionais como o clima, etc; nem Istambul, sofrendo socialmente, devem ser concorrentes esta vez. E esta afirmação não é só o resultado do patriotismo/otimismo. Para mim, isto é uma realidade.

É verdade que a antiga Constantinopla também conta com um grande apoio econômico mas, mais do que nunca nestes Jogos, os nossos, os de 2020, devem ser austeros. Imaginativos, participativos, grandes, esportivamente imensos, men-



“Neste momento, o esporte, mais do que nunca, deve adquirir a sua quarta dimensão. Seus valores, seu exemplo, seu esforço, a disputa saudável, ganhar, perder... Educa, apoia, emociona... A sociedade, Madrid, Espanha... Precisamos dele

surando os recursos. Não mesquinho, mas com critérios semelhantes aos que temos aplicado em mais de 70 campeonatos mundiais que tivemos na Espanha durante os últimos dez anos ou mais de 80 campeonatos europeus que com tanto sucesso também foram organizadas em nosso país neste mesmo período de tempo.

Já testemunhamos isto com outros jogos, os de Barcelona '92, mas o importante é que o fazemos todos os dias com uma demonstração da capacidade e confiabilidade de todo o nosso tecido social, esportivo e econômico. Madrid está pronta.

Também não é o tempo para a euforia, mas sim para acreditar no bom trabalho desta equipe. Seus antecessores tentaram em 2012 e 2016 com o mesmo empenho, mas, como no esporte, só se passa para a história com os resultados. E devemos reconhecer que naquele momento não foram bons. Ficamos fora.

Agora, a tarefa do presidente e da sua grande equipe é defender nos espaços pertinentes a maturidade do projeto Madrid 2020. Eles devem convencer a todos os membros do COI que os cidadãos de Madrid estão desejando abraçar o Movimento Olímpico como ele merece. Estão prontas as infraestruturas, que não são modelos à escala. Está presente o apoio, com pesquisas que atestam. E está presente o carinho e a experiência. Mais é impossível!

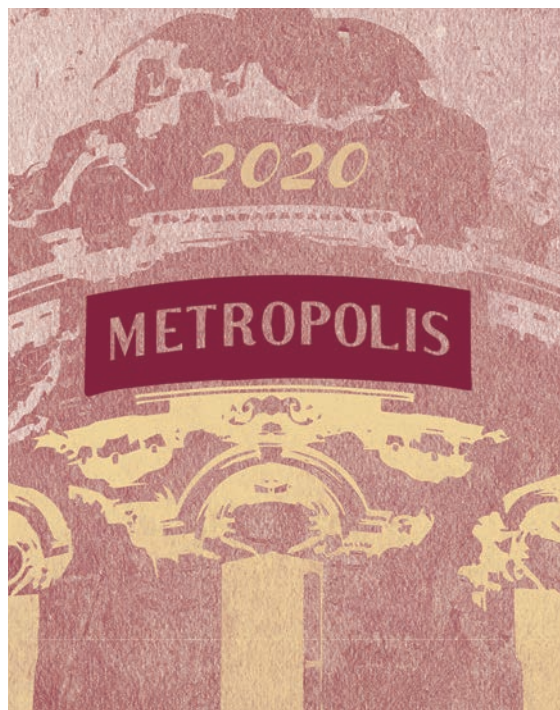
Embora, como sempre, não devemos esquecer que, no fundo, dependemos de que a proposta seja majoritariamente votada no dia 7 de setembro. Esse é o dia, mas não é a meta. A partir daí, se as coisas correrem como desejamos e como merece este projeto, começará uma corrida de sete anos para chegar ao mágico 2020, com uma cidade vibrando para desfrutar de todas as alegrias esportivas, sociais, econômicas e de imagem da Marca Espanha que supõe o Movimento Olímpico e a celebração dos Jogos. Uma decisão crucial neste momento da história da Espanha, por tudo o que já sabemos, mas sempre apoiada em ideias muito claras do que a hospitalidade olímpica significa. Madrid é uma garantia total de sucesso. Espero e desejo que assim seja compreendido pelas centenas de membros do COI e que o seu presidente nomeie nossa cidade como a escolhida. Não decepcionaremos os atletas, nem o olimpismo, nem o mundo. Às suas marcas, prontos... já!

Acredito que é o mesmo que pensam Istambul e Tóquio, que também passaram o corte no ano passado e que estão fazendo o seu trabalho de procurar apoios nos cinco continentes, mas desta vez o nosso projeto está muito firme. Como gostamos de dizer na família do esporte, “é preciso falar no campo, na pista, na quadra” e lá não cabem mais realidades das que se vêem, tocam e sentem. Madrid 2020 é a candidatura mais completa, simples e realista. A que corresponde com o momento em que vivemos. Na atualidade, o esporte, mais do que nunca, deve adquirir a sua quarta dimensão. Seus valores, seu exemplo, seu esforço, a disputa saudável, ganhar, perder... educa, apoia, emociona. A sociedade, Madrid, Espanha... precisamos disto. Merecemos isto. É uma esperança e pode ser até uma solução. Este não é o argumento-chave para nos conceder os Jogos, mas uma razão para uma reflexão profunda dos membros do COI no momento de emitir um voto que envolve a responsabilidade de assinalar um e descartar dois.

“ *Gosto de defender este projeto. Sou filho desta cidade. Mas não o faço por isso, mas por convicção absoluta. Conversei com o nosso presidente e vejo o entusiasmo, o trabalho e detecto candidatura sólida, estruturada e madura*

Eu não gostaria de estar na posição deles. É quase uma decisão de Estado. Por isso acredito que a encruzilhada da escolha desta vez vai além de uma exposição brilhante ou do fato de um chefe de estado, personalidade ou medalhista decidir estar a Buenos Aires. Análise fria da melhor proposta nestas circunstâncias. Por meios, recursos, aceitação, credibilidade. E, conseqüentemente, depositando sua confiança e responsabilidade nessa cidade e nesse país. E essa deveria ser Madrid. Gosto de defender este projeto. Sou filho desta cidade. Mas eu não o faço por isso, mas por convicção absoluta. Conversei com o nosso presidente, vejo o entusiasmo e o trabalho e detecto uma grande solidez em uma candidatura bem estruturada e madura.

Vivi como jornalista, desde a redação do meu querido jornal Marca, as palavras de Juan Antônio Samaranch: “...à la ville de Barcelona”. Anos mais tarde, também na redação do jornal, a decepção de 2012, quando parecia que tudo estava a nosso favor. E, ainda mais tarde, o segundo golpe de 2016... Agora espero ouvir Jacques Rogge, como porta-voz da decisão do “Grande Senado” Olímpico anunciar: “Madrid 2020”. E como somos atletas, se não for assim, continuaremos procurando a medalha olímpica para Madrid. Já são muitos anos perseguindo um sonho que agora é a hora de fazer realidade.



“ *E como somos atletas, se não for assim, continuaremos procurando a medalha olímpica para Madrid. Já são muitos anos perseguindo um sonho que agora é a hora de fazer realidade*





PRÊMIOS

alcançados POR UNO



GOLD WINNER
na categoria
Best House Organ



GRAND WINNER
Best of Magazines
Overall Presentation



GOLD WINNER
na categoria Magazines
Overall Presentation
Executive

LLORENTE & CUENCA



LLORENTE & CUENCA é a primeira consultoria de Gestão da Reputação, Comunicação e Assuntos Públicos na Espanha, Portugal e América Latina. Conta com **catorze sócios e 300 profissionais**, que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividade, com operações dirigidas ao mundo de **língua espanhola e portuguesa**.

Atualmente, possui escritórios próprios na **Argentina, Brasil, Colômbia, China, Equador, Espanha, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana**. Também oferece seus serviços através de companhias afiliadas nos **Estados Unidos, Chile, Bolívia, Uruguai e Venezuela**.

A LLORENTE & CUENCA é membro da AMO, a **rede global líder em comunicação corporativa e financeira**. São também sócios: **The Abernathy MacGregor Group**, nos Estados Unidos; **Maitland** no Reino Unido; **Hering Schuppener Consulting**, na Alemanha; **Havas Worldwide Paris**, na França; **Hirzel.Neef.Schmid.Konsulenten**, na Suíça; **SPJ**, na Holanda; **Porda Havas**, em Hong Kong e Shanghai; **Springtime** na Suécia; **Ad Hoc**, na Itália; e **NBS Communications** na Polônia. A cada ano, a AMO se consolida no topo do Ranking Global de Assesores de M&A desenvolvido pela **Mergermarket**.

www.amo-global.com



DIREÇÃO CORPORATIVA

JOSÉ ANTONIO LLORENTE
Sócio Fundador e Presidente
jalorente@llorenteycuenca.com

ENRIQUE GONZÁLEZ
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

JORGE CACHINERO
Diretor Corporativo de Inovação e Reputação
jcachinero@llorenteycuenca.com

IBERIA

ARTURO PINEDO
Sócio e Diretor Geral
apinedo@llorenteycuenca.com

ADOLFO CORUJO
Sócio e Diretor Geral
acorujo@llorenteycuenca.com

Madrid

JOAN NAVARRO
Sócio e Vice-presidente Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

AMALIO MORATALLA
Sócio e Diretor Sênior
amoratalla@llorenteycuenca.com

JUAN CASTILLERO
Diretor Financeiro
jcastillero@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid (Espanha)
Tel: +34 91 563 77 22

Barcelona

MARÍA CURA
Sócia e Diretora Geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1º
08021 Barcelona (Espanha)
Tel: +34 93 217 22 17

Lisboa

MADALENA MARTINS
Sócia
madalena.martins@imago.pt

CARLOS MATOS
Sócio
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)
Tel: +351 21 923 97 00

AMÉRICA LATINA

ALEJANDRO ROMERO
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

JOSÉ LUIS DI GIROLAMO
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

ANTONIO LOIS
Diretor Regional de Recursos Humanos
alois@llorenteycuenca.com

Bogotá

JUAN JOSÉ BERGANZA
Diretor Executivo
jjberganza@llorenteycuenca.com

GERMÁN JARAMILLO
Presidente Conselheiro
gjaramillo@llorenteycuenca.com

Carrera 14 # 94-44. Torre B - of. 501
Bogotá (Colômbia)
Tel: +57 1 7438000

Buenos Aires

PABLO ABIAD
Diretor Geral
pabiad@llorenteycuenca.com

ENRIQUE MORAD
Presidente Conselheiro para o Cone Sul
emorad@llorenteycuenca.com

Avenida Corrientes 222 - piso 8. C1043AAP
Cidade Autônoma de Buenos Aires (Argentina)
Tel: +54 11 5556 0700

Lima

LUISA GARCÍA
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes, 420 - piso 7
San Isidro - Lima (Peru)
Tel: +51 1 2229491

México

ALEJANDRO ROMERO
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

JUAN RIVERA
Sócio e Diretor Geral
jriviera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas #22 PH 7
05120 Bosques de las Lomas (México)
Tel: +52 55 52571084

Panamá

JAVIER ROSADO
Sócio e Diretor Geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis. Edifício Omega - piso 6
(Panamá)
Tel: +507 206 5200

Quito

CATHERINE BUELVAS
Diretora Geral
cbueivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre 1830 e Cordero
Edifício World Trade Center - Torre B - piso 11
Distrito Metropolitano de Quito (Ecuador)
Tel: +593 2 2565820

Rio de Janeiro

JUAN CARLOS GOZZER
Diretor Executivo
jcozzer@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - sala 1801
Rio de Janeiro - RJ (Brasil)
Tel: +55 21 3797 6400

São Paulo

JOSÉ ANTONIO LLORENTE
Sócio Fundador e Presidente
jalorente@llorenteycuenca.com

Alameda Santos, 200 - sala 210
Cerqueira Cesar. SP 01418-000 (Brasil)
Tel: +55 11 3587 1230

Santo Domingo

ALEJANDRA PELLERANO
Diretora Geral
apellerano@llorenteycuenca.com

Avda. Abraham Lincoln
Torre Ejecutiva Sonora - planta 7
Santo Domingo (República Dominicana)
Tel: +1 809 6161975

ASIA

Beijing

SERGI TORRENTS
Diretor Geral
storrents@grupo-11.com

2009 Tower A, Ocean Express
N2 Dong san Huan Bei Road, Chaoyang District
Beijing (China)
Tel: +86 10 5286 0338

PRESENCIA EN LA RED

 Web corporativa
www.llorenteycuenca.com

 Twitter
<http://twitter.com/llorenteycuenca>

 Blog corporativo
www.elblogdellorenteycuenca.com

 Facebook
www.facebook.com/llorenteycuenca

 Ideas Centro
www.dmasilllorenteycuenca.com

 YouTube
www.youtube.com/llorenteycuenca

 LinkedIn
www.linkedin.com/company/llorente-&-cuenca

 Slideshare
www.slideshare.net/llorenteycuenca

WWW.DMASILLORENTEYCUENCA.COM

